



**No leva-e-traz da política científica:
Uma interrogação sobre as “relações sociais”**

Dans le va-et-vient de la politique scientifique:
une interrogation sur les "rapports sociaux"

Eni Puccinelli Orlandi*

Resumo:

Em uma reflexão que se sustenta em uma experiência de pesquisa com um grupo de mulheres, e através de atividades exercidas em comum, expondo-as a processos de interpretação, buscamos compreender os sentidos do que é social, grupo social e, sobretudo, observar o que se poderia considerar como “relações sociais” mantidas pelo grupo e dentro do grupo. Os resultados de nossas reflexões estão expostas neste artigo.

Palavras-chave: sociedade, grupo social, relações sociais, laço social, sobrevivência.

Résumé:

Par une réflexion fondée dans une expérience de recherche avec un groupe de femmes, et à travers des activités partagées en commun, en les exposant à des processus d'interprétation, nous avons cherché à comprendre les sens du social, de groupe social et, surtout, d'observer ce que l'on pourrait considérer comme des “rapports sociaux” tenus par le groupe et dans le groupe. Les résultats de notre réflexion sont exposés dans ce article.

Mot-clés: société, groupe social, rapports sociaux, lien social, survie.

* Pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos da Unicamp, professora e coordenadora do mestrado em Linguagem e Sociedade da Universidade do Vale do Sapucaí e professora colaboradora do IEL da Universidade Estadual de Campinas. Email: eduardo.gui@uol.com.br Endereço: Labeurb – Laboratório de Estudos Urbanos Unicamp/Cocen / Nudetri Caixa Postal 6166 Campinas/SP – Brasil. CEP: 13083-892

*Para quem quer se soltar invento o cais
Invento mais que a solidão me dá
(...)
Invento o mar
(Milton Nascimento)*

Introdução

Para esta reflexão, parto de uma pesquisa feita junto a mulheres do *Núcleo Eldorado dos Carajás*, em Campinas, no projeto Barracão, coordenado pela pesquisadora Cristiane Dias (Labeurb/Nudecri/Unicamp/MEC). Como parte desta experiência de extensão há também uma entrevista, publicada pela coordenadora do projeto, e um vídeo de acompanhamento da pesquisa feito por Grciely C. da Costa. Todos estes materiais são fundamentais na produção do conhecimento sobre este *grupo social*.

Na introdução ao que aqui exponho, já coloco a questão que foi a base desse meu trabalho de pesquisa: o que está significado em “grupo social”? Lembro Sartre (2002) quando faz a diferença entre série e grupo, e também K. Marx (1987) em sua reflexão sobre alienação. De Sartre, guardo o que disse teorizando sobre o fato de que um conjunto de pessoas esperando um ônibus é uma *série* – nada os liga como projeto – e um conjunto de pessoas fazendo uma reivindicação comum é um *grupo*. A qualidade, a natureza da relação, portanto, distingue série e grupo. Em Marx, lembro sua afirmação da impossibilidade do lumpen proletariado considerar-se como grupo/classe, da mesma forma que um saco de batatas é só um saco de batatas. Aqui vemos a intervenção do que diz Marx da alienação, em que o sujeito se transforma no objeto que produz. Batatas. Um saco de batatas não é um grupo.

E passo, imediatamente, ao que já se pode antever no que estou procurando dizer, pensando “grupo” e “relações sociais”, sobretudo, no que pude compreender a partir desta experiência de pesquisa, e que está na epígrafe deste trabalho, tirada da música composta por Milton Nascimento, a música *Cais*. E a palavra mote desta minha exposição é a palavra “invenção¹”.

¹ Se algum autor, além da música, me inspira no uso da palavra invenção é de Certeau, quando fala de cultura (1974): “proliferação de invenções em espaços de coerções”.

A invenção como método e como posse do mundo.

Há uma interrogação que me acompanha há longo tempo: o que é, de que natureza é, e que sentidos têm o laço social, este que une um sujeito a outro na história, laço gerido pelo Estado e que constitui o que chamamos de uma formação social. Laço que o sociólogo trabalha nas chamadas “relações sociais”. Em ciências sociais, em geral, define-se o que é a relação social segundo seus princípios teóricos, através de categorias da sociologia. Nossa questão não é sociológica.

Cabe aqui lembrar o que diz M. Pêcheux (1990) “é porque há o outro nas sociedades e na história que aí pode haver ligação, identificação ou transferência... E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias e as relações sociais em redes de significantes”. A base da “relação social”, discursivamente está no “outro”, pensadas a ligação, a identificação e a transferência (ou seja, a metáfora). Ligam-se assim o social, o histórico e o significativo.

Nessa perspectiva, penso que já me encontro atualmente, e com a ajuda desta pesquisa *Barracão*, em estado de compreender melhor, discursivamente, o que aí se significa. Antes de tudo, devo dizer que não se trata de um laço que se possa simplesmente descrever empiricamente, ou sociologicamente. Claro que há relações sociais estabelecidas e mantidas pelo imaginário que solda os grupos na chamada sociedade capitalista. Mas há mais que isso.

Quando Dona X me diz que ela casou aos 12 anos com um senhor de mais de 30, que não gostava de trabalhar, que ficava mudando de um lugar para outro sem parar, e que, por isso, ela saiu pelo mundão afora, tendo ao todo 8 filhos, que ela criou todos, graças a deus, porque todo mundo ajudava ela. Até os soldados, pra quem ela ia pedir passagem de trem, para ir de uma cidade a outra, nesta peregrinação sem descanso que o marido lhe impunha, não podiam dar a passagem, mas lhe davam dinheiro para comprar a passagem. Ou a Dona Y que teve um filho e foi expulsa de casa como mãe solteira, foi se virar para viver, trabalhar aqui e ali, até encontrar um emprego de doméstica, uma casa onde a dona ajudou a criar o filho e depois vieram de caminhão pra Campinas. Um caminhão que trazia carros e que acomodou a ela e a uma pequena família na carroceria. Nas paradas, eles podiam se limpar e ele, o motorista, lhes dava o que comer². Hoje, eu cato latinhas, eu faço o que as pessoas pedem, uns servicinhos, e vou vivendo. Ou a Dona Z que casou com um homem que era ruim com ela, e que ela abandonou e veio

² Que caminhoneiro era este em sua solidariedade para ajudar esta Dona Y a chegar a seu “destino”?

sem ele e com 3 filhos pra Campinas. Mas aqui encontrou uma colega, quase uma irmã, e se ajudaram muito. Depois, soube que o marido estava doente. Trouxe ele para tratar dele e não acha bom que uma das filhas trate mal o pai. Uma filha que ele não queria porque era muié³. Ela guardô mágoa.

A vida onde a vida não se mostra em todas as letras. Vem de carona, pega emprestado, arranja uma colega, cata lixo. E sempre alguém ajuda. Esta ajuda é o gesto social mais incipiente, no entanto essencial, o mais necessário, o improvável, mas o que decide. E ele sempre vem, quando ouvimos a história dos sobreviventes. E vem acompanhado de uma voz que se alegra com os caminhos feitos. Não são os resultados que ressaltam: são os caminhos. As saídas. Os encontros. Atravessamentos. Deslocar-se. A própria capacidade de caminhar de uma coisa para outra. A alegria de terminar de falar, dizendo: *e eu tô aqui*. Naquele momento mesmo. Mais do que se *apresentar*, ela está *presente*.

A costura da vida. Que se dá ao lado, eu diria, ou apesar das relações sociais. Essas formas de relações que são coerções, que condenam, que significam o fracasso, que significam a pobreza. O imaginário da pobreza que nos empanturra de evidências e que nos afasta do que é dito pobreza como o diabo da cruz. Mas quando elas falam “pobre”, na situação de convivência que estabelecemos com nossas presenças e as delas, falam rindo, quase zombando da palavra. Como se ela viesse de fora. Elas não sentem diretamente o sentido do que seja “isso”. Sentidos que fogem. Elas não se sentem fazendo sentido do que seja “isso”. Não se reconhecem quando falam “isso”. Um riso que é quase uma ironia. Nem reconhecem a palavra “sonho”, em nossas formulações: você tem algum sonho que quer realizar? Nem usam a palavra “amiga” (quando cheguei aqui, encontrei uma *colega*, quase uma irmã). Ajuda sempre tem: do vizinho, dos outros, da muié em que foi trabaíá de doméstica⁴.

Narrativa: a memória se dizendo por um fio que escorre pelo olhar, pelo silêncio, pelas palavras atropeladas por risos entrecortados que são a anunciação do sofrimento passado.

³ Não posso deixar de lembrar aqui uma epígrafe que li em trabalho inspirado em Simone de Beauvoir: “O feminismo nunca matou ninguém. O machismo mata todo dia” (Benoîte Groult).

⁴ Esta senhora, encontrou este emprego e a pessoa que a empregou, a ajudou a criar o filho. A colocou na escola. Cata latinhas, mas sabe ler e escrever. Estudou até a oitava série.

Trabalhamos em destaque as falas dessas mulheres em seu funcionamento de narrativas. Chamo aqui a atenção para o fato de que temos procurado redefinir narrativa (2009) fora dos padrões, sejam retóricos, sejam de gênero. Consideramos fundamentalmente seu funcionamento discursivo ligado ao interdiscurso e aos efeitos dos processos de individuação do sujeito-que-conta.

O discurso do corpo – olhares, risos – e outras formas de significar se juntam para emendar sentidos apesar de e ao lado. Sentidos que fogem: nada é transparente nos olhos que desviam, no silêncio que na fita, o corpo quieto, mãos que ocultam a boca, ocultam a testa, passam sobre os olhos e se ajeitam silenciosamente. Muitas vezes, um riso alto. As palavras nesse meio significam em muitas direções. Falam por conta própria. Desbaratam.

Sonho? Não, tava na roça trabaiano. Não sonha. Mas quando se pergunta o que mais queria: criar os filhos, dar escola pros filhos, ela estudar (chega a ser dito, às vezes), ter a casa própria. Não, ela diz, não sonha. Quando fala do filho: o que ela queria era ver o filho ir pra escola, depois trabalhar. É em nosso imaginário social sobre a pobreza que a “isso” chamaríamos “sonho”. Para ela é real.

O que é o sentido de sonho para quem inventa a vida? Para quem cria o dia seguinte no improviso de uma comida que vinha numa lata que parecia lavagem..., deusmelivre. E que ela comia porque tinha de amamentar o filho.

O que é o laço social? Um dava comida, outro ajudava. Os vizinhos ajudavam, a família não. E não estou falando da voz de uma, mas de todas. Há pouca diferença. Aparentemente. Nada é transparente. As palavras significam em muitas direções. Sentidos em fuga, a todo momento, e para todo lado. Acantoados. Esperançosos. Desesperados. Olhares. Risos. Olhos que olham pra longe. Olhos que se desviam. O corpo, em geral, imóvel. Quietos. Mãos que ocultam a boca. Ocultam a testa. Passam sobre os olhos e se ajeitam silenciosamente.

Que laços são esses que mantêm estas pessoas? Elas são todas vencedoras. Mas não demonstram saber. Dona W não aceitava que dissessem que seu filho, um dos 9, que nasceu com um problema no cérebro, não pudesse ir à escola. Se os outros iam, por que este não era pra ir? Diziam que não ia adiantar, que ele não ia aprender. Mas ela botou ele na escola. E dizia pras pessoas: se ele se formar e um dia tiver um emprego, eu posso morrer. E ele estudou porque ela não desistiu dele. Não é que ele arranjou mesmo um emprego aí em Viracopos, no aeroporto? E sabe que quando ele arranjou o

emprego, eu quase morri. Sério. E meus filhos me diziam: não morre não mãe. Agora que ele arranhou o emprego a senhora não pode morrer. Até que foi indo e eu melhorei...

Ela sabe que é vitoriosa? Talvez saiba, daquele saber que a gente não sabe. Mas quase morre dele. A memória, saber discursivo que fala por conta própria (E.Orlandi, 2012). De tanta memória carregada, de tanta coisa sofrida, de tanta esperança: *eu queria por que queria que ele estudasse*, diz ela.

Na invenção da vida, há laços que se atam e os que se desatam

Não chamaria o que sai destes depoimentos, desses relatos de vida/narrativas, de resistência. Na realidade, vivem como podem, sobre-vivem, ou, aproveitando o mote do título do encontro: convivem com o sistema instituído, com relações sociais indiferentes a suas vidas em sociedade, e vivem as rasteiras da vida com artimanhas. *Inventam*. Nelas, o que se vê é ajuda de próximos: não pelo parentesco, mas pelo laço que os ligam, ou que eles atam; e a *não desistência*. Ressignificam? Nem tanto. Inventam a vida no que nem faz sentido. Daí a palavra invenção que é título deste item: invenção da vida. Artimanha. Invenção, aqui, tem um sentido bem particular, pois implica o designificado. Vidas anuladas. Sentidos desfeitos por passarem ao largo das relações sociais que medem a significância dos sujeitos no sistema. O resto.

Artimanha

Se procurarmos “artimanha” nos dicionários, encontramos vários sentidos e sinônimos: *maneira de enganar (alguém) para conseguir alguma coisa*; *estratagema*. Sinônimo: *ardil, artifício, astúcia, dolo, endrômina, estratagema, fraude, intrujice*, sendo que *estratagema* tem como sinônimo, “*ardil empregado na guerra para enganar o inimigo, manha, astúcia, subterfúgio*”. Se buscamos os sentidos mais relacionados a estratégia, podemos encontrar os sentidos que me parecem mais apropriados para a formação discursiva que observamos nos depoimentos acima mencionados: *estratégia*.

Estratégia, segundo Mintzberg (2004), trata-se da forma de pensar no futuro, integrada no processo decisório, com base em um procedimento formalizado e articulador de resultados. A palavra vem do grego antigo *stratègós* (de *stratos*, "exército", e *ago*, "liderança" ou "comando" tendo significado inicialmente "a arte do general") e designava o comandante militar, à época de democracia ateniense.

Atualmente, o conceito de estratégia é uma das palavras mais utilizadas na vida empresarial e encontra-se abundantemente na literatura da especialidade.

Podemos guardar desta definição o fato de que a artimanha é uma forma de *pensar* no futuro, através de *decisões* que levam a um *resultado*. Mas pensando as condições de produção da existência destas mulheres, as palavras *pensar no futuro*, *decisões* e *resultados*, ganham sentidos particulares. Porque *pensar o futuro*, se estamos observando um *empresário* e sua propriedade (ardil) não significa o mesmo quando observamos uma *mãe solteira*, expulsa pela família, tendo um filho para criar estando completamente sozinha e na rua (invenção). São estas as condições de produção que causam uma fuga de sentidos (E. Orlandi, idem).

E aí talvez esteja o que estamos procurando nesta reflexão: a importância da natureza do laço nos leva a interrogar a natureza das “estratégias” de vida, as artimanhas e são estas que dão o sentido ao laço, que nos indicam finalmente a natureza destes laços: elas são um grupo, não um saco de batatas. Saimos portanto do “o que?” (os laços) e chegamos ao como: as artimanhas, as estratégias de vida, a invenção. E, em uma posição materialista, aí está o real concreto dos laços sociais que não podem ser definidos como se fossem sempre a mesma coisa: relações entre sujeitos de uma sociedade. Que relações? De que natureza? Visíveis ou não visíveis? Etc Tudo isso define o laço social, este que sempre existe, mesmo em condições absolutamente desfavoráveis, quando falar em relações sociais não cabe, se queremos que o sentido seja exato.

Presenças

Não gostaria de concluir esta reflexão sem fazer um comentário de método. Que traz para a reflexão o *lugar de pesquisa* que construímos enquanto estivemos com estas mulheres. E que traz junto a ideia de *presença* que afeta o que consideramos como grupo social. Não posso deixar de observar que há muito de inesperado e que me leva a perceber eu mesma de outra forma “lá”: efeito deste real (“lá”) na teoria e em nós mesmos. Estas mulheres com quem trabalhamos foram estabelecendo modos de estar com a gente que faz com que a gente se exponha, não só em nosso projeto, mas nos conhecendo mais na relação que estabelecemos e que nos ajudam a estabelecer novos patamares de compreensão e a abrir novas questões disso que encontramos como objeto de compreensão, eu diria mesmo deste outro objeto de compreensão, já deslocado, desse grupo social. O que é este grupo social, constituído nesta relação? Um grupo social que

está trazendo uma nova forma de se relacionar com a gente, com isto que está do lado de fora do próprio grupo. Nós.

No “lugar de pesquisa”, “lá”, cada palavra tem o peso de um conceito. A relação da minha “presença” com a presença, no mundo delas. Presença: conceito em presentificação, outra dimensão do mundo social em que elas estão vivendo. O peso do discurso outro. Nem a noção de grupo, nem de mulheres se mantém. São ressignificados. Quais delas vão estar mais presentes neste lugar e o que vão mobilizar em mim para que se produza um acontecimento nesta relação, nesta prática, desta pesquisa. Não se conhece a sociedade de uma só vez, em um olhar inaugural. A cada passo vou conhecendo, aprendendo. Como, atando laços e constituindo nelas mesmas um grupo social, elas vão estabelecendo este contato com a sociedade que nós trazemos em nós, em/com nossa presença?

Temos definições aceitas e nossas presenças vão mostrando que é impossível abarcar de uma forma mais inteira o que é esta formação social que imaginamos ser a nossa; o que significa a presença da sociedade nessas pessoas que são parte de um grupo de pessoas que a sociedade não quer que estejam na sociedade. Segregação. E o esforço que fazem para não serem colocadas para fora. Em cada gesto, em cada palavra delas. A nossa presença é este laço mínimo que para elas é a possibilidade de um laço social com o que elas gostariam de ter/ser. Contato mas não relação. São a sobra, a excrescência o a-mais incômodo, espaço em que virei (apresento/represento) a “sociedade do conhecimento” que elas não têm. Nessa presença, no contato com este grupo social com suas especificidades, nosso objetivo não é assistencialismo, ou ilusão de integrar este grupo. Mas buscamos a intercompreensão sempre inacabada, incompleta, possível de trazer outras questões, outras formas de pensar, outras respostas, pois as respostas se desgastam, mudam, perdem força. A presença e o lugar são, assim, uma construção inacabada de uma interrogação.

Concluindo

Pensando portanto a formação social, como temos pensado, como algo não inerte e que se movimenta o tempo todo, e em que as posições sujeitos se alteram na medida em que se movimentam também os processos de identificação que resultam em diferentes posições sujeitos, podemos afirmar que o real do que chamamos relações sociais não se deixa definir pelo imaginário social que categoriza essas relações de

acordo com o que as políticas públicas e a administração estabelece. Elas vão muito além e se estabelecem apesar das injunções exercidas pelas relações de poder que a elas se sobrepõem. Ou seja: vazam, encontram formas próprias a suas condições de produção e significam na medida em que, pela invenção, os sujeitos sociais tomam posse de (ou são tomados por?) um mundo que se apresenta em seu real concreto, histórico e material. Na força das coisas⁵, produzem a sobrevida pelos laços que, mesmo na dessignificação dos processos de ser, na rarefação do chamado sistema social, narram a não desistência.

Estes laços, ou dito de outro modo, essas narrativas entrelaçadas, afirmam-se, no funcionamento da memória discursiva, e falam por conta própria⁶, passando ao largo do jogo instalado pelo que se tem chamado de “relações sociais”. O que faz, deste conjunto de mulheres, um grupo, é dito e significado em um enunciado de base – aquele que, com o menor número de palavras, de marcas, diz melhor a maior extensão dos sentidos – que termina, com frequência, a narrativa que fazem de si: “e estou aqui”, com uma modulação “e cheguei aqui”. Às vezes coroado com um acompanhamento: “hoje tenho meu barraco”. Algumas vezes. Enunciado em que este “aqui” é o lugar, é o Núcleo, mas é a chegada, a presença, a vida se fazendo no possível de uma invenção que sub-existe no meio de coerções, e faz laços.

Bibliografia

- BATAILLE, G. “Le sens moral de la sociologie”, **Critique I**. Paris, 1974.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
- BEAUVOIR, S. **La force des choses**. Paris: Gallimard, 1963.
- DE CERTEAU, M. **La culture au Pluriel**, Paris: Union Générale d'Éditions, 1974.
- ORLANDI, E. P. “Sentidos em Fuga”, in: DIAS, C. **Sujeito, Sociedade, Sentidos**. Campinas: RG editora, 2012.
- MARX, K. **Escritos Filosóficos**; www.marxists.org/portugues/marx. (Manuscrito:1844; 1987).
- MINTZBERG, H. **Ascensão e queda do planejamento estratégico**. Porto Alegre: Editora Bookman, 2004.

⁵ Da leitura de Simone de Beauvoir (1949, 1963), do que diz Bataille (1974) sobre a noção de comunidade segunda, é que procuro entender a força das coisas e deixo exposta a equívocidade constitutiva desses sujeitos sociais: tomam posse de/ ou são tomados por?

⁶ Somos falados pela ideologia, o Outro, funcionamento do interdiscurso (E. Orlandi, idem). Mas palavras falam com palavras, e ao sermos falados, nossas palavras se inscrevem com seus sentidos.

ORLANDI, E. **Projeto do Grupo de Pesquisa “Discurso, Individuação do Sujeito e Processos Identitários – Espaço, Acontecimento e Memória no Sul de Minas”**, UNIVÁS (MG).

ORLANDI, E. “Sentidos em Fuga: efeitos da polissemia e do silêncio”, in: CARROZA, F. SANTOS, M. e SILVA. T. D. (orgs). **Sujeito, Sociedade, Sentidos**. Campinas: RG, 2012.

PÊCHEUX, M. **Discurso:estrutura ou acontecimento?** Campinas: Pontes, 1990.

SARTRE, J.P. **A crítica à razão dialética**, Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Para citar essa obra:

ORLANDI, E. P. No leva-e-traz da política científica: Uma interrogação sobre as “relações sociais” In: **RUA** [online]. 2014, Edição Especial - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: FELINTO, Renata. Disponível em: <http://afroretratos.wordpress.com/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS
UNICAMP/COEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP – Brasil

CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>